

depois da pandemia

ensaios da resistência

jose bernardo.



Apresentação

Proposta ‘V’

O primeiro denominador comum, ao reunir os ensaios que relatam nossa vivência bíblica no cenário da pandemia causada pela COVID-19, foi a letra ‘V’ em linguagens de sinais, popularizada como símbolo de esperança da vitória em uma campanha dos Aliados na Segunda Guerra Mundial. Vencer, nessa situação de pandemia, dentro dos limites de uma quarentena global, é a nossa esperança. Mas o uso desse símbolo deve nos levar, antes de tudo, a considerar o que efetivamente é vitória para nós.

Um dos fracassos mais ameaçadores para os cristãos e para a Igreja é a ilusão de que as coisas voltarem a ser como antes. Não voltarão! É impossível deixar de saber o que aprendemos nessa experiência. Também, colocar a esperança nas coisas visíveis e passageiras, como a saúde física ou a restauração da economia, seria ignorar a realidade de uma luta que não é ‘contra a carne e o sangue’. Por isso, lembro-me da resposta que dei a um líder católico romano que provocava dizendo que ‘se não fosse a Igreja Romana’ o protestantismo não teria razão de existir. Disse a ele que os verdadeiros protestantes lutaram contra o pecado, não contra a Igreja Romana. Da mesma forma, digo que nosso inimigo não é um vírus, nem algum governo relapso, corrupto e despótico. Nossa luta é sempre contra o pecado, e nossa esperança de vitória

não pode ser frustrada, pois é o sangue de Jesus Cristo que nos santifica. Se nos lembrarmos disso, não atacaremos moinhos de vento, não nos deixaremos enganar, não desperdiçaremos nosso esforço.

Prólogo, sete ensaios e epílogo, acompanhados de várias perguntas para reflexão, é o que você encontrará nas páginas seguintes. Esse material é resultado das reflexões que fiz com minhas equipes na Agência Missionária de Mobilização Evangelística – AMME evangelizar, ministério que fundei no ano 2000 para ajudar as igrejas evangélicas brasileiras a cumprir sua missão bíblica de evangelizar todo o mundo: motivando, treinando, suprimo e apoiando.

Durante o período dessas reflexões, nossa equipe não parou de cumprir a missão divina que recebemos. Levantamos recursos, imprimimos e transportamos 2,5 milhões de literaturas evangélicas e armazenamos em localidades estratégicas nas cinco regiões do país. Enquanto escrevo, estamos imprimindo mais 1 milhão. Também oferecemos treinamento à distância e cinco grupos de trabalho estão desenvolvendo projetos de aceleração da transformação digital, para fazermos um trabalho mais efetivo e com menor custo, usando novas tecnologias.

Nossos inimigos nessa luta são menos visíveis do que o vírus microscópico que aterroriza as pessoas naturais ou carnis, e é letal, pois impede a nova vida com Cristo. Nossa vitória, no entanto, está em saber contra quem lutamos e usar nossas infalíveis armas espirituais. É para ajudar líderes cristãos a vencer essa luta que apresento os 'ensaios da resistência'.



José Bernardo é fundador e presidente da Agência Missionária de Mobilização Evangelística – AMME evangelizar, cofundador e presidente do Instituto Sonho Infantil e vice-presidente do ministério internacional OneHope.

Conferencista e escritor de vários livros, em sua atuação ministerial motiva, treina, supre e apoia as igrejas na evangelização em todo o Brasil, nos países de língua portuguesa e também na diáspora lusófona. Mais de 160 milhões de pessoas ouviram a mensagem do Evangelho sob sua liderança. Contato no Instagram e Facebook: @josebernardo.job

Depois da pandemia

Ensaio da resistência

Apresentação	02
Nota biográfica	04
Índice	05

Prólogo

Prisma crítico	06
----------------------	----

Ensaio

O diâmetro da crise	08
A bússola pessoal	12
A bússola orgânica	17
Teste de liderança	21
Tendências eclesiais	25
Carta aos exilados	31
Medidas conclusivas	34

Epílogo

Para que sigamos	37
AMME evangelizar	40

Prólogo

O prisma crítico

No 80º dia da quarentena.

Ao escrever, nos últimos anos, procurei substituir os ensaios por sermões, textos de exposição bíblica. Quero ter menos para falar de mim mesmo e ser cada vez mais um porta-voz da Palavra de Deus, um servo da Palavra, como disse Lucas. Contudo, confesso que as lutas para entender, compreender e praticar a vontade de Deus rendem boas histórias, principalmente em dias tão conturbados como os que vivemos durante a pandemia da COVID-19. Os textos a seguir são resultado desse processo pungente.

Quando as sombras da pandemia cobriram nosso horizonte, eu estava em um retiro de capacitação do 'Projeto 72' na Cidade Forte, nossa base missionária, empoderando novos missionários para o ministério. De lá, orientei a primeira medida de enfrentamento, colocando em home-office os colaboradores que dependessem de transporte coletivo. Na quarta-feira seguinte, no dia 18 de março pela manhã, após nossa reunião de oração, apresentei as medidas para 15 semanas de quarentena.

Já naquele momento, tomamos o ensino e o exemplo do apóstolo Paulo na Segunda Carta a Timóteo como prisma crítico para nossas medidas: *“Mas o Senhor*

permaneceu ao meu lado e me deu forças, para que por mim a mensagem fosse plenamente proclamada e todos os gentios a ouvissem. E eu fui libertado da boca do leão” 2Tm 4:17. Olhando através desse texto, entendemos que todas as mudanças que faríamos ou seríamos forçados a fazer, deviam ter como eixo fixo a consecução da missão de ajudar as igrejas evangélicas a cumprir sua missão bíblica de comunicar o Evangelho a todas as pessoas.

Nas semanas seguintes, continuamos a buscar na Palavra de Deus a orientação para nossas ações em uma construção *pistiológica* bem definida através do Novo Testamento, principalmente nas cartas Paulinas: a fé como alicerce, a esperança como colunas e o amor como telhado. Nesse processo, identificamos práticas pessoais e organizacionais, posicionamento e diretrizes ministeriais e, finalmente, como estava previsto para o final de maio, fizemos uma avaliação das causas, riscos e medidas para enfrentar o prolongamento da crise social, econômica e espiritual que afeta o Brasil distintivamente.

Os sete ensaios que você lerá a seguir, são registros da aplicação da Palavra de Deus à nossa realidade. Não estão disponíveis aqui para orientar suas ações, mas como testemunho do que temos experimentado no Senhor. Oro para que sirvam como exemplo da submissão à vontade de Deus e um estímulo para que cada líder busque ouvir a suave voz do Senhor no meio da tempestade, terremoto e fogo ao redor.

José Bernardo

Pelo diâmetro da crise

Para atravessar a crise sem atalhos

Há duas possíveis perspectivas para o planejamento: preditiva e adaptativa. Em uma perspectiva preditiva, faz-se previsões de cenários futuros e planeja-se de acordo com elas. Tais previsões são usualmente contaminadas pelo humor das pessoas que planejam, podendo ser otimistas ou pessimistas, induzindo a erros. O planejamento preditivo é usualmente de longo prazo e sobrepõe a estratégia (definição de objetivos e disposição de recursos) à tática (propósito e identidade organizacionais). Suponho que a valorização da ambição em um determinado contexto determina a preferência por esta metodologia e um ambiente de maior estabilidade a torna possível. A falha aparece em períodos de grande instabilidade, onde o imprevisto é a norma e querer não é suficiente. Nessas situações, a perspectiva daquilo que é possível deveria preferir o planejamento adaptativo. Essa metodologia é necessariamente de curto prazo pois não pode depender de previsões ou projeções, mas de fatos. O propósito e a identidade organizacionais capitaneiam a gestão, sujeitando, em pulso acelerado, a definição de objetivos e disposição de recursos.

Durante uma discussão sobre esse tema, quando uma grande organização tomava a difícil decisão de mudar da perspectiva preditiva para a adaptativa, um dos executivos ainda preso a um pensamento conservador

se referiu ao planejamento adaptativo como 'um mapa rodoviário'. Eu argumentei que não existem mapas de lugares onde ninguém ainda foi, e propus a bússola como figura mais precisa. É possível subir ao Monte Nebo, ver a Terra Prometida, e apontar a direção a seguir. Mas o caminho que será tomado deve ser inventado no curto prazo. Não há mapa, somente a percepção de cada segmento da jornada para a qual deve-se manter a direção da visão inicial. Os robustos planejamentos de longo prazo, baseados em previsões, tornam-se inúteis nos territórios desconhecidos e surpreendentes. É necessário lidar com o que é real e possível e não mais com o que se imagina e ambiciona. Prazos e números não são mais objetivos e mensuráveis além da próxima curva. Torna-se necessário trabalhar sobre um novo processo.

Rejeitar o costume da administração prevalente nos Estados Unidos desde o pós-guerras, impossível de praticar em nossa instabilidade política e econômica brasileiras, foi decisão que tomei desde minhas primeiras experiências na liderança. Contudo, somente há alguns anos, analisando o significado e as demandas de orientar pessoas na pós-modernidade, é que passei a pensar na trilogia das virtudes teológicas como um processo ideal para mover o planejamento adaptativo. Tenho pregado frequentemente sobre fé, esperança e amor, em quase cada carta do apóstolo Paulo e estou convicto que, tanto é um processo de saída para as crises que enfrentamos, como é uma das maiores perdas da pós-modernidade. Enquanto a COVID-19 se espalhava na China, sem avisar a humanidade, eu estava ensinando que é necessário restaurar convicções inabaláveis, para estabelecer

expectativas realísticas e então tomar decisões produtivas. Entendo que esse é o moto-contínuo, o ciclo permanente que gere nossa espiritualidade e pode movimentar as organizações que lideramos, fazendo-nos avançar e produzir através do imprevisível. Porém, a pós-modernidade da verdade líquida dificultou as convicções, impossibilitou as expectativas e impediu as pessoas de preferir e decidir. É por isso que ao invés de avançar elas sofrem, se iludem e consomem.

Querendo apontar um caminho para a saída da crise causada pela COVID-19 à organização que lidera, meu amigo Rob Hoskins chegou a uma escala que encontrei muito semelhante ao ciclo das virtudes teologais. Para a fé, que sempre defino como convicção, ele indicou Veracidade e Calma, isto é, a necessidade de referir-se à própria identidade e manter a tranquilidade, como estar alerta, mas não alarmado. Para a esperança, a expectativa, aquilo que se pode esperar com base na realidade, Rob inscreveu Clareza e Convicção, o estar conectado à realidade para construir sem ambiguidades. Finalmente, para o que vejo no amor, isto é, a preferência decisiva, ele ensinou a Consolidação e a Conquista, evitando as redundâncias e abrindo-se para o novo.

As virtudes teologais, fé, esperança e amor ou, como as defino, convicção, expectativa e decisão, compõem um ciclo divinamente inspirado, que é também natural ou logicamente perceptível. Para atravessar terrenos desconhecidos e gerir situações inesperadas é preciso planejar e executar com uma perspectiva adaptativa movida por um ciclo perpétuo de fé, esperança e amor. Contradizendo o insólito, na medida em

que afirmamos nossas convicções, devemos identificar expectativas e, a partir delas, estabelecer preferências decisivas que nos levem a um novo ciclo.

Perguntas para reflexão

- A crise da COVID-19 encontrou sua igreja ou ministério: a) no planejamento preditivo, baseado em objetivos de longo prazo; b) no planejamento adaptativo, baseado na identidade missional permanente e ações estratégicas de curto prazo; c) sem uma cultura consolidada de planejamento, apenas trabalhando em ideias e projetos de oportunidade.
- Você e sua equipe identificaram a falta de planejamento adaptativo, baseado na identidade missional e em estratégias coerentes de curto prazo, como a solução para o enfrentamento da crise? Desejam romper com as resistências conservadoras e adotar uma nova cultura de liderança e gestão?
- Vocês seriam capazes de funcionar de modo prático no ciclo de fé, esperança e amor, buscando convicções missionais fundamentais para definir expectativas objetivas e, então tomar decisões produtivas? Que dificuldades enfrentariam para isso e como vão resolvê-las?

A bússola pessoal

Exercícios para a saúde psicoespiritual

Quando anunciei a quarentena em função da COVID-19 para minha equipe, no 18 de março de 2020, propus a dedicação à vocação missional como a prática que nos ajudaria a perseverar nessa tempestade e produzir. Nos dias seguintes, enfatizei mais seis práticas que também devemos observar. Reuni a sugestão dessas práticas sob o título 'Pratique! Sete exercícios espirituais decisivos para perseverar em tempos difíceis'. Depois de dois meses em quarentena, reavaliei essas sugestões e ainda as considero relevantes e completas para a saúde e a produtividade das pessoas a quem lidero.

Pratique a dedicação. Em tempos de crise ficamos desorientados, perdemos o chão, não sabemos onde ir ou o que fazer. Veja como o apóstolo Paulo resolveu isso quando entrava em uma crise: *“Todavia, não me importo, nem considero a minha vida de valor algum para mim mesmo, se tão somente puder terminar a corrida e completar o ministério que o Senhor Jesus me confiou, de testemunhar do evangelho da graça de Deus”* At 20:24. Diminua seu apego às coisas e à vida nesse mundo; quanto mais apegado estiver, mais difícil será avançar. Aumente sua dedicação à sua missão essencial. Concentrando-se em um único propósito você saberá onde ir e o que fazer. Lembre-se que nossa missão bíblica é exclusivamente a comunicação

do Evangelho. Divida seu testemunho sobre Cristo, isso vai fortalecer sua vida espiritual e levar outros à salvação. Multiplique o Reino de Deus pela Graça, confie na boa disposição que ele tem em salvar.

Pratique a alegria. Aprendemos que é certo reagir com tristeza aos perigos e perdas. Mas a alegria é uma força e a tristeza nos enfraquece. Preso, solitário, mal falado, Paulo ainda foi capaz de animar os crentes em Filipos para que superassem suas dificuldades: *“Alegram-se sempre no Senhor. Novamente direi: Alegram-se!”* Fp 4:4. Diminua a pressão social para ficar sério, triste, indignado e assim parecer responsável, confiável e racional. Aumente a alegria perdoadando, sendo paciente, confiando no Senhor, orando com gratidão e súplicas, enchendo-se de paz. Divida sua alegria com outros, vivendo em harmonia, fazendo coisas juntos, festejando; bons relacionamentos são nossa principal fonte de regozijo. Multiplique o Reino de Deus na força da graça do Senhor (Ne 8:10); quando encontramos alegria em obedecer a Deus, outras pessoas verão isso e o desejarão.

Pratique a boa-nova. Más notícias correm mais e causam maior dano nas situações de perigo; em tempos assim, as boas notícias não parecem importantes. Mas, para superar crises, precisamos da força positiva das novidades. Por isso o profeta Isaías disse: *“Como são belos nos montes os pés daqueles que anunciam boas novas, que proclamam a paz, que trazem boas notícias, que proclamam salvação, que dizem a Sião: ‘O seu Deus reina!’”* Is 52:7. Diminua sua atenção ao mal; assim como pés sujos podem parecer belos, deixe de olhar para os aspectos negativos.

Aumente seu anúncio de boas novidades, fale mais sobre paz, procure comunicar boas notícias, enfatize as soluções e não os problemas. Divida a melhor notícia de todas, que Deus está reinando, ele está no controle! Multiplique o Reino de Deus pela proclamação do Evangelho do Reino.

Pratique a gratidão. Infelizmente olhamos mais para aquilo que nos falta do que para o que temos. Em tempos de dificuldade essa tendência se agrava. O profeta Jonas, quando estava no fundo do mar, próximo da morte, lembrou-se de Deus de um modo distinto e foi salvo. Comparada com outras orações, essa foi a diferença: *“Mas eu, com um cântico de gratidão, oferecerei sacrifício a ti. O que eu prometi cumprirei totalmente. A salvação vem do Senhor”* Jn 2:9. Diminua a preocupação com o que você precisa, mesmo que a situação seja desesperadora. Aumente o louvor a Deus com gratidão, exalte-lhe as qualidades e lembre-se dos feitos dele em seu favor. Divida esse louvor cheio de gratidão com outras pessoas, para que Deus se agrade de você. Multiplique o Reino de Deus através do louvor com gratidão; Ele elegeu você para proclamar as qualidades dele.

Pratique a percepção. As aparências enganam; em momentos de ansiedade e desespero tendemos a ignorar o prejuízo espiritual que sofremos. Paulo, querendo preparar os cristãos em Éfeso para as dificuldades que enfrentariam, ensinou: *“pois a nossa luta não é contra seres humanos, mas contra os poderes e autoridades, contra os dominadores deste mundo de trevas, contra as forças espirituais do mal nas regiões celestiais”* Ef 6:12. Diminua sua limitação ao

que é material, humano e visível; seus maiores desafios não estão nesse nível. Aumente sua visão espiritual, enxergue as regiões celestiais e veja como poderes, autoridades, dominadores e forças espirituais atacam sua mente e seu coração. Divida a percepção espiritual com outras pessoas, para que não sejam distraídas pelo que é visível apenas. Multiplique o Reino de Deus lutando e vencendo nas dimensões espiritual, emocional e racional.

Pratique a realidade. Sob pressão, somos traídos pela saudade de um passado idealizado, iludidos pelo desejo de voltar no tempo. Depois de falar do juízo de Deus sobre o passado, o evangelista João mostrou a perspectiva divina: *“Aquele que estava assentado no trono disse: ‘Estou fazendo novas todas as coisas!’ E acrescentou: ‘Escreva isto, pois estas palavras são verdadeiras e dignas de confiança’”* Ap 21:5. Diminua sua atenção para as coisas que passaram e foram escritas; não é possível voltar para mudá-las. Aumente seu empenho pelas coisas que Jesus está fazendo agora; é isso que interessa. Divida essa verdade com outras pessoas; que ninguém seja aprisionado pelo passado, antes perceba o presente e viva de acordo com essa realidade. Multiplique o Reino de Deus lembrando a todos que ele nos deu dons, talentos e oportunidades que devemos aproveitar agora.

Pratique a comunhão. O sofrimento é egoísta. Pensando que ninguém entende o que sentimos durante nossas crises, nos separamos e ficamos ainda mais frágeis. Paulo ensinou que o individualismo é o esquema do mundo e que devemos superá-lo entendendo que somos como membros de um corpo

(Rm 12:1-5). Aos individualistas de Corinto, ele ensinou: “... *Mas Deus estruturou o corpo dando maior honra aos membros que dela tinham falta, a fim de que não haja divisão no corpo...*” 1Co 12:24,25. Diminua a visão de si como indivíduo. Aumente o esforço para manter as conexões espirituais, a unidade do Espírito pelos vínculos da paz. Divida os seus pesares e alegrias com as pessoas próximas e ajude-as também. Multiplique o Reino de Deus ajudando outras pessoas a entender que cada um de nós precisa e é necessário na Igreja, o Corpo de Cristo.

Ao pensar nesses exercícios, entendo que são um índice estratégico, uma lista de temas que merecem projetos intencionais e alocação de recursos suficientes de planejamento, trabalho, tempo e materiais. Organize-se para se dedicar, alegrar, falar boas coisas, agradecer, perceber a verdade, estar em contato com a realidade e estar com as pessoas. Faça cada vez mais isso e você estará em condições de enfrentar a pandemia e o cenário que ela deixará quando passar.

Perguntas para reflexão

- Considerando primeiro a prática da dedicação missional, e depois as práticas da alegria, das boas-novas, da gratidão, da percepção, da realidade e da comunhão: você e sua equipe consideram importantes estas sete práticas? Como avaliam o exercício que seus liderados fazem delas? Que plano vocês têm para melhorar o exercício dessas práticas?

A bússola orgânica

Posturas organizacionais elementares

O coletivismo define a Idade Média, e qualquer pré-modernidade na história. A Renascença como transição e o modernismo consequente são definidos pela retomada do homem como medida das coisas e a segmentação das sociedades em grupos menores, com identidades e valores diversos e divergentes. Esse processo de individuação se intensifica no particularismo da verdade líquida, na pós-modernidade da psicologia e do indivíduo. As instituições se tornam aglomerados transacionais, navios lotados de vetores à deriva: uma distopia dificilmente controlável. O ciclo infundável de tempestades e calmarias desnuda esse individualismo irreconciliável que torna tão difícil manobrar para qualquer porto seguro. Esse é o sofrimento das instituições seculares, inclusive as eclesiásticas. Esse é o desafio dos tempos, entender que o ser humano é parte e não todo, e que vive quando está ligado a um organismo vivo, muito maior do que ele mesmo: *“Não se amoldem ao padrão deste mundo, mas transformem-se pela renovação da sua mente, para que sejam capazes de experimentar e comprovar a boa, agradável e perfeita vontade de Deus”* Rm 12:2.

Se pudermos nos realizar como organismo social, na família e na igreja, principalmente, somente então estaremos em condições de funcionar nos mares quase sempre revoltos em que navegamos; estaremos

prontos para a realidade de constante mudança a que chamamos de vida. A figura de navios ao largo é apropriada pois enquanto navegamos, quase não distinguimos mudança no azul permanente, acima e abaixo. A mesmice se torna normal e sofremos com a ideia de mudar. Contudo, sem mudança não há propósito nem objetivo, somente estagnação. A verdade é que estamos em constante mudança, mas nem sempre conscientes e raramente prontos para isso. Somente tempestades como a pandemia da COVID-19 nos fazem perceber o que a vida realmente é e quem devemos ser para viver. A vida é mudança e o individualismo, ancorado no ego, não a experimenta.

Para instrumentalizar a mudança como vida nas organizações, Rob Hoskins, presidente da OneHope, ministério internacional de distribuição das Escrituras, publicou seis atitudes organizacionais que uma instituição deve manter, mesmo em uma crise como esta provocada pela COVID-19. Endosseí essas seis atitudes como seguem. Unidade: comecei falando sobre a ilusão do individualismo que caracteriza a pós-modernidade, as tempestades ameaçam aprofundar ainda mais a ruptura dos organismos sociais, por isso, manter uma atitude de unidade é o primeiro fundamento para superar qualquer crise. Vizinha a essa atitude e por razões idênticas, as instituições precisam estar prontas para buscar e manter parcerias com outras instituições, reconhecendo que as conexões entre elas devem ser criadas no nível de seus membros; a unidade dos membros define a qualidade das parcerias no âmbito das instituições. Ousadia: o conforto da mesmice, o azul de céu e mar, são outra ilusão a ser superada e, para isso, exige-se ousadia; a instituição

inteira, família, igreja ou ministério, todos e cada um de seus membros precisam estar uniformemente desejosos de mudança para não serem surpreendidos pela realidade da vida. Somente a morte é estagnação, a vida é mudança. Inovação: é o processo de implementação da mudança que é impulsionado pela ousadia; a ousadia deve fornecer motivação suficiente para atravessar as várias fases da inovação, todas elas desconfortáveis - necessidade, descoberta e habilitação. Imaginação: é a atitude de contínua busca da inovação, é o reconhecimento de que, depois da habilitação em uma inovação, segue-se a necessidade de outra; esse ciclo só é mantido em ambientes onde a imaginação é livre, onde as pessoas não temem, antes são incentivadas a buscar novas soluções. Finalmente, compromisso: haverá tempos de calma entre as tempestades, e a tentação quase inevitável de desarticular a imaginação incapacitando a organização para enfrentar a próxima tempestade. Manter o compromisso com a mudança é vital.

Enquanto lidero nosso barco pelas mudanças que a pandemia precipita, minha equipe sempre precisa lembrar-se que todos somos criativos. A mudança não depende apenas de um pequeno número de artistas inconformados. Todos somos, de algum modo, capacitados para mudar e viver. Em minha teoria de liderança e gestão, o Keruhb, defendo quatro perfis para a mudança e somente um parece artisticamente delirante. Os outros podem parecer mais normais e, nem por isso, precisam ser cativos da ilusão de estática. O primeiro perfil é o organizador, as pessoas que lidam com o caos da tempestade recategorizando e agrupando os elementos da construção social. O

segundo é o aglutinador, que reúne as pessoas dispersas pelo susto da mudança, oferecendo um ambiente de serenidade propício à harmonização e fortalecendo o senso de organicidade. O terceiro perfil é o sintetizador, o artista louco, capaz de romper com a normalidade e provocar sínteses não convencionais, mas imprescindíveis na mudança. O quarto perfil é o experimentador, dotado de persistência brutal, capaz de insistir na mudança até instalá-la produtivamente de algum modo inesperado. O reconhecimento de que todos somos dotados para a ousadia, inovação e imaginação, nos leva de volta à unidade e parcerias. Precisamos de todos os perfis criativos para atravessar uma tempestade e devemos estar comprometidos com organização, aglutinação, sintetização e experimentação, para continuarmos navegando mesmo em posterior calmaria.

Perguntas para reflexão

- Como você e sua equipe se posicionam frente às mudanças?
- Considerando unidade, parceria, ousadia, inovação, imaginação e compromisso com a mudança, como vocês estão em relação a essas posturas funcionais para enfrentar crises?
- Considerando os perfis criativos, organizador, aglutinador, sintetizador e experimentador, quanto você e sua equipe é capaz de reconhecê-los e valorizá-los em cada pessoa?

Teste de liderança

A pandemia como prova

Há alguns anos quando eu experimentava novamente o esgotamento na luta em mais uma crise econômica que afetava o ministério, os psicólogos e assistentes sociais de minha equipe recomendavam que eu procurasse ajuda para superar aquela condição. Mas eu estava consciente de que não seria efetivo cuidar da minha recuperação física e emocional se primeiro não abordasse minha condição espiritualmente, na raiz do problema. Então, como costume fazer, procurei um personagem bíblico com quem pudesse me identificar e perceber a vontade de Deus na situação. Com isso estudei a vida de Elias profundamente, principalmente a experiência que começou no Carmelo e terminou no Horebe. Naquele estudo identifiquei quatro fases bem distintas da precipitação do grande profeta no mais mórbido esgotamento: euforia, aversão, isolamento e depressão. O que me surpreendeu em Elias é ver que a aparentemente poderosa performance no Monte Carmelo, na matança dos 400 profetas de Baal, era o primeiro estágio do esgotamento. A euforia com que enfrentamos as crises, como a idolatria e a seca no reinado de Acabe, é o primeiro sinal de reprovação em nossa liderança.

“Ele respondeu: ‘Tenho sido muito zeloso pelo Senhor, o Deus dos Exércitos. Os israelitas rejeitaram a tua aliança, quebraram os teus altares, e mataram os teus

profetas à espada. Sou o único que sobrou, e agora também estão procurando matar-me” 1Rs 19:10. Esta resposta de Elias, repetida no versículo 14, revela a causa e o processo de um profundo esgotamento, ao ponto de se dispor ao suicídio, adentrando o deserto de Berseba, sem recursos para sobreviver. Fica evidente a euforia de alguém que recebeu a ordem de apresentar-se ao Rei para profetizar a chuva que Deus enviaria, e resolveu matar os profetas pagãos e salvar o povo. Essa euforia absurda para um servo de Deus, que se arroga a ter ciúme no lugar do seu Senhor, que se propõe a agir antes dele, esse ímpeto de salvar o mundo quando Deus planeja destruí-lo, é a causa e o primeiro estágio do esgotamento. No auge dela, o gatilho da insatisfação leva ao segundo estágio, a aversão, quando o trabalho vocacional é rejeitado e abandonado. Esse estágio dispara o gatilho da desconfiança, e leva ao terceiro estágio, o isolamento. No extremo do isolamento dispara-se o gatilho da desistência, vem a depressão e seu característico suicídio lento, as práticas anti-higiênicas que eventualmente levam à enfermidade e morte.

Quando entendi isso, e o identifiquei em minha própria vida, procurei na orientação de Deus a receita para a recuperação. Percebi que a primeira coisa que Deus prescreveu a Elias foi *“Volte pelo caminho por onde veio”* 1Rs 19:15, um processo de arrependimento, mudança de direção e caminhar na nova direção. A segunda recomendação divina foi uma lista de tarefas que agora Elias deveria executar com precisão. Fazer o que queremos, mesmo com grande altruísmo, é a causa do esgotamento. Não fomos chamados para salvar o mundo, mas para obedecer a

Deus. Depois, em terceiro lugar, já o restabelecimento de relacionamentos, especialmente com um jovem discípulo como Eliseu, o que traz um novo ânimo e esperança; o discipulado de jovens é terapêutico para o líder. Finalmente, Elias é chamado à realidade. O mundo não era como ele via quando estava na descida para a depressão, era diferente. Não estava isento de coisas ruins, mas havia o remanescente, havia gente que permanecia fiel. Elias foi reconectado a uma realidade difícil sim, mas bem diferente do pessimismo que o processo de esgotamento o fez ver. A recuperação foi possível pela Graça de Deus que o chamou da depressão, levou ao lugar da revelação, falou-lhe pessoalmente e o instruiu especificamente.

Experimentei também esse processo de restauração naquele momento e nisso descobri a oração do Getsêmani, quando o próprio Jesus, aflito e angustiado, entristecido e desistindo da vida, em uma crise inimaginável no ministério, orou e foi plenamente fortalecido para enfrentar a prisão, tortura e morte sob os pecados de toda a humanidade: *“E dizia: ‘Aba, Pai, tudo te é possível. Afasta de mim este cálice; contudo, não seja o que eu quero, mas sim o que tu queres”*” Mc 14:36. Tenho praticado incessantemente essa oração e os quatro elementos dela me fortalecem através das crises que enfrento na liderança, inclusive essa causada pela COVID-19. Lembrar da minha intimidade filial com Deus, seu poder absoluto, saber de seu interesse em minhas necessidades e desejos, e submeter-me inteiramente à vontade dele pela negação de mim mesmo, isso me resgata das minhas tribulações. Novamente e sempre, a maior prova para um líder cristão é fazer o que Deus quer e não o que

queremos. O obreiro aprovado apenas obedece. Quando a única justificativa para cada ato de liderança for verdadeiramente ‘Deus mandou’, estaremos seguros e livres de esgotamento e podemos seguir adiante deixando pandemia e outras crises para trás.

Perguntas para reflexão

- Avalie sua própria vida e a dos membros de sua equipe. Vocês estão em algum desses estágios a) euforia – tentando salvar o mundo sozinho; b) aversão – frustrado e indisposto com o ministério; c) isolamento – afastando-se desconfiado das pessoas; d) depressão – cansado e desistindo da vida?
- Considerando a prescrição de Deus a Elias, como você poderia fortalecer sua vida espiritual? a) voltando pelo caminho que levou ao esgotamento; b) dedicando-se a obedecer às ordens de Deus; c) discipulando jovens para a sucessão; d) conectando-se à realidade à volta.
- Experimente orar a oração do Getsêmani meditando profundamente em cada uma das súplicas: a) *Aba, Pai* – o amor de Deus; b) *Tudo te é possível* – o poder de Deus; c) *Afasta de mim este cálice* – a generosidade de Deus; d) *contudo, não seja o que eu quero, mas sim o que tu queres* – a soberania de Deus.

Tendências eclesiais

O caminho escolhido anuncia seu destino

Quando admiti entrar em quarentena com minha equipe, decidimos fazer uma avaliação da situação após dois meses. Como parte do processo, gastamos algumas horas trabalhando na percepção das tendências reveladas pela crise. Para definir tais tendências em uma única palavra, diríamos 'aceleração'. Não parece que a pandemia causada pela COVID-19 trouxe qualquer novidade, mas apenas acelerou processos que já existiam. Por isso, de um modo geral, a tendência da Igreja é a aceleração e o problema nisso são os vetores, para onde a Igreja vai enquanto é tão acelerada? Identificamos dez desses vetores que consideramos mais significativos e que precisam ser levados em conta quando planejamos através da crise e para a fase seguinte, a 'pós-pandemia'.

Digitalização. A igreja está em franco processo de aceleração da transformação digital. Pessoas que resistiam ao uso de novas tecnologias no culto e no ministério, agora as estão utilizando. Esse uso será modificado na próxima fase, mas não extinto ou ignorado. Portanto é necessário observar que atividades sofreram transformação, e que atividades não foram afetadas. Sobretudo, é preciso considerar o efeito disruptivo da aceleração de apenas parte de uma atividade, por exemplo, a conservação da liturgia tradicional do apresentador na transmissão eletrônica do técnico.

Captação. A economia mundial sofre um impacto negativo com a pandemia e estima-se que a conjuntura brasileira sofrerá mais do que qualquer outra em razão do prolongamento das medidas de contenção da COVID-19. O desemprego afetará as igrejas e por mais tempo do que a falta dos cultos presenciais. A melhor gestão de recursos humanos, cronológicos e estratégicos para afetar a diminuição dos recursos materiais e financeiros exigirá grande atenção dos líderes e gestores. A negligência na descoberta e implementação ativa de novas fórmulas prejudicará principalmente a evangelização cultural e transcultural.

Superexposição. Antes, esta condição peculiar afetava apenas os famosos, com o evento da Internet e mais recentemente dos aplicativos de redes sociais, agora afeta a maior parte das pessoas. Somos induzidos a expor informações pessoais na rede e esse vetor afeta também as igrejas que aceleram em progressão geométrica. Aquilo que existia na particularidade do culto, agora está disponível no YouTube, no Facebook e no Instagram, minimamente. As consequências dessa superexposição são imprevisíveis, mas pode-se suspeitar que será necessário lidar com efeitos negativos, visto que o próprio conceito foi cunhado para rotular essa negatividade.

Desautorização. A política que media os interesses individuais da pós-modernidade, luta contra as instituições *coletivizantes* remanescentes de outras fases do ciclo histórico. Para ela, o pretexto de entregar um assunto a especialistas, supostamente superiores às instituições, é perfeito. Pastores e outros líderes eclesiais, e até mesmo representantes do governo, são

desautorizados, e o poder se concentra aparentemente nas mãos de especialistas em saúde que redefinem até mesmo a constituição. Direitos básicos como ir e vir, se associar e reunir, crer e cultuar, são deformados pela ditadura de especialistas. Por trás disso está a desautorização das instituições e seus representantes, a Igreja e os pastores por exemplo, e a desconstrução da ordem em favor do indivíduo e do individualismo. O horror dessa desautorização do pastoreio e desconstrução da Igreja como orientadora da vida em comunidade ainda não foi percebido suficientemente, mas é um vetor incontestável.

Absorção. Um evento repetitivo o suficiente para indicar uma tendência da aceleração é a situação de pequenas igrejas independentes, que existem em templos alugados, com poucos recursos financeiros e baixa capacidade de resposta às novas demandas. Tais igrejas estão entregando seus locais de culto, referências institucionais, e deixando dispersar-se o rebanho. Parte desses crentes será absorvida por outras igrejas e parte aumentará o número dos *desigrejados*, o que parece ser uma tendência secundária, mas configura um vetor tangencial. A aceleração da absorção é caótica, espalha os crentes de muitas igrejas em diferentes direções.

Neurose. O dilúvio de informações assustadoras, a tensão gerada pelas medidas de contenção, a instabilidade social e política, os processos do luto, todas essas pressões circunscritas à pandemia, embora não modifiquem a realidade, causam alterações da percepção e do comportamento. Um medo residual, insegurança e desesperança devem marcar as

emoções da maioria das pessoas e modificar seu comportamento. Isso certamente afetará também sua espiritualidade e o vínculo espiritual com a igreja, expondo as pessoas ao individualismo. A neurose assimilada dará forma a maior egocentrismo e egoísmo, diminuindo o compromisso, a participação e a generosidade. A neurose resultante de tantos sentimentos negativos é um solvente dos relacionamentos.

Descompromisso. A diminuição do engajamento na igreja e no ministério, por si só é um vetor previsível da aceleração causada pela pandemia. As pessoas parecem estar sendo empurradas para 'cuidar da sua vida', e o trabalho em favor do próximo é relegado à categoria mística do heroísmo, como se vê na propaganda que reforça a ditadura nominal dos especialistas. Quanto mais ideal o 'amor ao próximo' é feito, quanto mais se romantiza o risco em favor dos outros, menos as pessoas acham necessário enfrentá-lo. A prática do cristianismo se torna um conto de fadas, uma referência mística, um hábito dos monges, impraticável por pessoas comuns. Se o cristianismo emergente já era consumista antes da crise, já tratava do que se pode receber e não do que se deve dar, depois da crise terá sido fortemente acelerado nessa direção.

Reorganização. O mundo será outro depois da pandemia, nem que seja apenas pela maldição do conhecimento, termo nascido no berço da economia e que agora devolvo a ele. O mundo terá aprendido com a pandemia, sua violência, seu terror, sua mesquinhez, sua imprevisibilidade, e esse aprendizado não poderá ser esquecido, não será ignorado. Um dos efeitos dessa aceleração vetorial será a pressão para admitir

novos modelos institucionais e funcionais. A Igreja deverá se reorganizar pois não haverá ignorância suficiente para cimentar o *status quo*. O privilégio dos exploradores de tecnologia sobre os acumuladores de conteúdo é um aspecto dessa reorganização. A experiência da crise diluirá a ordem institucional, funcionará como anticoagulante, e mesmo que a reorganização forçada tivesse aspectos positivos, a demora em consolidá-la, a permanência da liquidez, tornará essa tendência extremamente desastrosa.

Missiologia. As gerações que nasceram antes do evento da Internet (1996 no Brasil) olham para os recursos digitais como um meio. Por isso são parciais e reticentes quando lidam com a transformação digital. Porém, a pandemia atingiu em cheio a primeira geração nativa digital e acelerou sua percepção da Internet como espaço. A pandemia catalisou a realidade do espaço virtual, e criou a possibilidade do trabalho missionário para pessoas em uma nova geografia cultural. Quanto a Geração Z será estimulada a servir nesse espaço, depende ainda de seus pais e pastores que são de gerações anteriores e podem resistir a isso. Que a nova geração esteja por trás das câmeras dos cultos on-line e as gerações X e Y estejam na frente, é uma das razões da ineficiência do ministério digital. É mais uma área de conflito de gerações e uma possibilidade de revolução no poder.

Desinvestimento. A aceleração da transformação digital será modificada pelo vetor do menor esforço. 'Mais rápido e mais barato', a demanda por redução na equação 'custo x resultado' marca essa época. As pessoas não esperam e não querem pagar pelo

prazer que desejam obter. Isso afetará definitivamente a fé, bíblica, cristocêntrica, espiritual, eternal, convergente e transformadora. As pessoas não desejarão investir em uma fé que não se materialize no presente, e *“Devido ao aumento da maldade, o amor de muitos esfriará, mas aquele que perseverar até o fim será salvo. E este evangelho do Reino será pregado em todo o mundo...”* Mt 24:12-14.

Perguntas para reflexão

Considerando o destaque das dez tendências da aceleração causada pela pandemia, digitalização, captação, superexposição, desautorização, absorção, neurose, descompromisso, reorganização, missiologia e desinvestimento:

- Como você e sua equipe percebem cada uma dessas tendências?
- Que medidas de contenção, correção e manutenção dessas tendências você e sua equipe serão capazes de implementar e que resultado esperam obter?
- Qual o impacto você, sua equipe, igreja ou ministério receberiam na inércia, em não modificarem sua postura atual frente a cada uma dessas tendências.

Carta aos exilados

Para suportar as consequências da pandemia

“Porque sou eu que conheço os planos que tenho para vocês”, diz o Senhor, ‘planos de fazê-los prosperar e não de lhes causar dano, planos de dar-lhes esperança e um futuro” Jr 29:11. Este versículo, muito celebrado pelos crentes, é o eixo central de uma carta escrita pelo profeta Jeremias aos judeus cativos na Babilônia em pelo menos duas levas, em 605 aC., inclusive Daniel e seus amigos, e em 597, inclusive o rei Jeconias e sua avó. Esse cativo havia sido profetizado desde o início do ministério de Jeremias e até por profetas que vieram antes dele, como Isaías por exemplo. Era a correção divina para os pecados de idolatria. Era a proteção da Aliança outorgada, irrevogável e intransigente: Vocês serão o meu povo e eu serei o seu Deus.

Jeremias soube que falsos profetas diziam que o cativo era breve e insignificante, contrariando suas profecias e amenizando a firme correção de Deus para os pecados do povo. Isso motivou a carta. Falando em nome de Jeová dos Exércitos, o Todo-poderoso de Israel, o profeta verdadeiro reafirmou que o cativo fazia parte de um cuidadoso plano de Deus visando resultados positivos e uma restauração completa no tempo definido por ele. Era por isso que ao povo cabia aceitar o cativo e administrar a realidade dele da melhor forma possível, nunca dando

ouvidos àqueles que amenizavam a correção determinada por Deus e desviavam o povo do propósito divino para aquela situação. Por outro lado, Jeremias, sempre falando a palavra de Deus, desmascarou a pretensão dos falsos profetas de terem transmitido uma mensagem divina e estabeleceu um firme julgamento contra eles.

Esse texto tem ensinado aos crentes que passam por graves crises ao longo da história. Ele evita olhar para fatos tão terríveis, o sequestro e o cativo, como se fossem eventos casuais. Deus é soberano e absolutamente tudo o que nos acontecesse está sob seu controle e faz parte do plano dele. Deus é poderoso, e nenhuma das coisas que ele decide fazer podem ser impedidas ou evitadas por quem quer que seja. Além disso, Deus é benigno e todos os seus atos têm um bom propósito, mesmo que inicialmente nos pareçam dolorosos e difíceis de suportar. Deus é fiel, e confia aos seu povo recursos que devem ser bem administrados em favor da missão divina que recebeu, mesmo no meio das aflições e através das dificuldades. Também, Deus é justo, e dará a cada um resultado na medida de sua conduta, se observam a palavra de Deus ou vão contra ela.

Há muitas semelhanças no cenário produzido pela COVID-19 e o cativo na Babilônia de Nabucodonosor. Será que a carta de Jeremias pode nos lembrar de quem é o Senhor nosso Deus e como ele age enquanto somos arrastados para fora do que pensamos ser a nossa normalidade? No meio desse cativo, dessa crise emocional, social e econômica, lembraremos que nosso Deus é absolutamente soberano,

poderoso, benigno, fiel e justo? Lembraremos que nosso Deus tem o controle de todos os aspectos de qualquer assunto? Admitiremos que Deus realize seu plano magnífico enquanto administramos os recursos que recebemos dele para sua glória? Como Israel, somos provados novamente. A nossa prova é confiar em Deus como ele é, e não inventar uma fé herética, conforme os desejos de nosso coração. Oremos para que sermos aprovados e restaurados, enquanto administramos o que recebemos para a glória de Deus.

Perguntas para reflexão

- Como a pandemia da COVID-19 pode ser vista a partir do caráter de Deus que é soberano, poderoso, benigno, fiel e justo?
- Como a pandemia da COVID-19 pode ser vista a partir da Aliança de Deus de nos fazer povo dele e de ser o nosso Deus?
- Considerando o caráter e a aliança de Deus para conosco, qual deve ser nossa atitude frente à pandemia e suas consequências nas próximas fases de nossa realidade?
- Qual será a proclamação profética que você e sua equipe apresentarão à Igreja, levando em conta o caráter de Deus, sua aliança outorgada e a nossa mordomia ideal?

Medidas conclusivas

Para permanecer firme depois da pandemia

Analisei com minha equipe os sinais políticos, econômicos e sociais à vista, na reunião de avaliação da 10ª semana de quarentena, conforme planejamos desde o início. Refletindo sobre a visão externa para o Brasil, percebemos estar em meio a um grande problema na luta contra a pandemia e uma descrição se destacou nesse cenário, a ineficiência. Há consenso de que as diversas medidas adotadas e impostas por instituições públicas e privadas não atingiram os objetivos mínimos necessários para superar a crise. Até porque a própria natureza do problema não favorece a exatidão, nossos números apontam para uma indefinição perigosa. Uma síndrome de perfil principalmente político é responsável por esta situação em que gente inescrupulosa procura se beneficiar da confusão nesse ano eleitoral. Não há unidade e nem vontade política para resolver o problema. Recursos essenciais são desviados para outros interesses. Falta confiança à população para insistir nas medidas recomendadas e a má distribuição da riqueza é um obstáculo intransponível a curto prazo. Assim, entre acusações de lado a lado, perecemos todos.

Incongruência, indefinição e medo dominam um cenário que deverá permanecer confuso por muito tempo ainda. Isso afeta diretamente a Igreja, sua liderança e principalmente sua missão bíblica de

comunicar o Evangelho. Nesse cenário, perguntei à equipe sobre quando a igreja sentirá a necessidade de cumprir sua missão, já que parece subjugada por outras necessidades mais prementes. Em resposta, a equipe voltou a um tema que estudamos durante nossa Escola de Liderança para Adolescentes e Jovens – Pacificadores no começo do ano, a Igreja como o Corpo de Cristo, conforme expresso na Carta aos Efésios: *“Dele todo o corpo, ajustado e unido pelo auxílio de todas as juntas, cresce e edifica-se a si mesmo em amor, na medida em que cada parte realiza a sua função”* Ef 4:16. A partir deste princípio, a pandemia da COVID-19 não pode determinar o distanciamento da missão. É a substituição da essência da Igreja por uma religião apenas aparente que impede a evangelização que, de outro modo, seria natural mesmo diante de extremas dificuldades.

Portanto, em nosso propósito de ajudar as igrejas evangélicas a cumprir sua missão bíblica, devemos buscar, antes de tudo, a saúde da igreja em qualquer situação. Nisso contamos com o remanescente, com aqueles crentes e igrejas que Deus tem reservado em fidelidade através dos séculos. Também devemos insistir em nossa missão divina de ajudar as igrejas saudáveis na comunicação do Evangelho. Precisamos estar prontos e comprometidos para as mudanças, pivotando sobre o firme eixo missional, conforme os tempos mudam. Finalmente, devemos acelerar a transformação digital, buscando novas tecnologias para reduzir os custos e aumentar a eficiência no cumprimento da missão. Em tempos de tanta incerteza, sabemos que devemos insistir sobre essas medidas conclusivas: a) buscar a saúde das igrejas

como Corpo de Cristo; b) insistir em ajudá-las na missão essencial bíblica da comunicação do Evangelho; c) estar prontos e comprometidos com a mudança apoiada na missão bíblica; d) acelerar a transformação digital, reduzindo custos e aumentando a eficiência no cumprimento da missão.

Perguntas para reflexão

- Você e sua equipe medem a saúde da igreja pelo empenho na missão bíblica essencial de comunicar o Evangelho a todas as pessoas em qualquer situação?
- O que seu ministério ou igreja precisa ser, ter, estar e fazer para cumprir sua missão bíblica essencial de comunicar o Evangelho a todas as pessoas?
- Que mudanças seu ministério ou igreja precisa aceitar e realizar para permanecer fiel à sua missão e produzir frutos que glorificam a Deus?
- Que atividades missionárias devem ser transformadas pelo uso de novas tecnologias para obter melhores resultados com menor custo durante e após a pandemia?

Epílogo

Para que sigamos

“As coisas encobertas pertencem ao Senhor, o nosso Deus, mas as reveladas pertencem a nós e aos nossos filhos para sempre, para que sigamos todas as palavras desta lei” Dt 29:29. Encontramos esta articulação central, que se move entre a previsão de desobediência e a promessa de restauração, no terceiro discurso da composição de Deuteronômio, que ocupa os capítulos 29 e 30 e ratifica o escopo e a importância da Aliança. Moisés escreveu à luz do diagnóstico de coração que não entendia, olhos que não viam e ouvidos que não ouviam (Dt 29:4) e da certeza de que a palavra de Deus está bem próxima dos leitores (Dt 30:14), sendo que Deus comunicou a Isaías a mesma ideia de olhos, ouvidos e coração incapacitados, Jesus a repetiu, e ambos os textos mencionados antes foram citados por Paulo aos Romanos. Essa articulação estabelece que há coisas que estão encobertas, elas pertencem a Deus e não devemos nos ocupar delas; há, porém, coisas descobertas, reveladas, e essas o são para serem realizadas por nós.

Nesse momento da história da Igreja, nos vemos entre duas correntes teológicas. De um lado, as igrejas emergentes, fortemente influenciadas pela pós-modernidade, procuram a revelação bíblica como índice de experiências emocionais particulares. ‘O tempora, o mores’, poderíamos repetir, já que o resultado é a

relativização da verdade, cada crente dando às Escrituras o significado que melhor lhe convém. A reação não ajuda. Uma parte da Igreja vai buscar na teologia do século 16 a sistematização e dogmática influenciadas pelo modernismo e sua lógica *sintetizante*, com o abjeto efeito de absurda paralisação da espiritualidade. Ambas as propostas são contaminadas pela centralidade do ser humano, em suas sensações e racionalizações, respectivamente. A revelação é vista a partir da alma e do coração de seus leitores, e o homem ainda é a medida de todas as coisas, ídolo de si mesmo. A influência pós-moderna define uma verdade correspondente, por paralelismos da experiência pessoal. Já a influência da modernidade propõe uma verdade coerente, que se encaixe nas arquiteturas que adotou previamente. Nem uma dessas possibilidades satisfaz a articulação que Moisés nos apresenta no Deuteronômio.

A revelação não foi dada como catalizador de experiências pessoais, nem é seu propósito completar esquemas esboçados por qualquer filosofia teológica. Por isso há coisas que estão encobertas, também como diz Paulo aos Coríntios: *“Agora, pois, vemos apenas um reflexo obscuro, como em espelho”* 1Co 13:12. A revelação tem o propósito do fazer, do realizar aquilo que está Escrito. Portanto, sabendo que devemos nos dedicar à prática das Escrituras, de todo nosso coração (raciocínio) e de toda a nossa alma (emoção), não valorizamos a teologia proposicional que se concentra em explicar Deus, e nem a teologia relacional que prioriza a espiritualidade sensorial. A Bíblia nos chama a uma teologia proposital, ao *telos*. Aquilo que nos está revelado é para ser

praticado e esse é o referencial da maldição e da bênção previstas na Palavra. Essa é a finalidade de nossa salvação, *“Porque somos criação de Deus realizada em Cristo Jesus para fazermos boas obras, as quais Deus preparou antes para nós as praticarmos”* Ef 2:10, e é o propósito da revelação, *“para que o homem de Deus seja apto e plenamente preparado para toda boa obra”* 2Tm 3:17.

Como essa verdade deve afetar a nossa prática teológica? Primeiro, devemos deixar de lado a cobiça de experiências emocionais particulares e evitar a vaidade de estruturas filosóficas complexas. Nossos olhos devem buscar cada texto bíblico, sabendo que ele tem um propósito a ser alcançado. Segundo, nossa hermenêutica precisa encontrar o que em cada texto há para ser praticado, a instrução para a qual devemos nos voltar em dependência de Deus, para fazer o que ele quer. Que a vontade soberana de Deus em Cristo seja feita, essa é a razão do Evangelho do Reino que recebemos. Finalmente, apliquemos corretamente cada texto à nossa vida, deixando-nos libertar e transformar continuamente pela Palavra de Deus, examinando sempre se há fruto que possamos apresentar para a glória do Pai, em nossa vida e, através dela, na vida de nosso próximo: os frutos da santificação e os frutos da evangelização.

AMME evangelizar

Nossa missão, através e depois da pandemia

Fundada sob o que chamamos de ‘a visão de Éfeso’, em que o problema da Igreja é descrito como, “*Contra você, porém, tenho isto: você abandonou o seu primeiro amor*” Ap 2:4, a Agência Missionária de Mobilização Evangelística – AMME evangelizar, teve seu propósito definido como ‘ajudar as igrejas evangélicas brasileiras a cumprir sua missão bíblica de evangelizar todo o mundo’. Nesse ano em que nossa missão completa 20 anos de existência, celebramos que 160 milhões de pessoas receberam uma apresentação do Evangelho a partir das diretrizes de motivação, treinamento, suprimento e apoio que oferecemos às igrejas. Os frutos desse trabalho continuam a se multiplicar.

Desde o primeiro ano, quando publicamos o manifesto ‘Eu vos enviei para colher’, defendemos a evangelização com resultados. Para isso, usamos o ‘fator Esdras’ como indicador. Queremos que as pessoas a quem apresentamos o Evangelho, aprendam, pratiquem e ensinem a Palavra de Deus a outros. Por isso, em qualquer situação, seja o *bullying*, o abuso contra crianças ou a discriminação racial, por exemplo, cremos que a proclamação do Evangelho do Reino é a exclusiva e insuperável ação social da Igreja, a única missão objetivamente atribuída a ela por Deus. Para ajudar as igrejas evangélicas a cumprir essa missão, motivamos, treinamos, suprimos e apoiamos.

No esforço de sermos efetivos em nosso propósito para com a missão da Igreja, pesquisamos, criamos, produzimos e distribuimos grande quantidade de conteúdo em diversos formatos, sempre com uma postura altamente inovadora. A dedicação ao nosso propósito e à missão da igreja, a capacidade de inovação constante, habilitaram nossa agência missionária a enfrentar a pandemia da COVID-19 com bom ânimo e resultados positivos que poderemos levar para as fases seguintes da pós-pandemia.

Um desses resultados que podemos levar para o futuro é a aceleração da transformação digital no trabalho missionário. Durante a quarentena, toda a equipe da AMME se organizou em diversos grupos de trabalho para criar soluções para a evangelização utilizando as novas tecnologias disponíveis. As igrejas a que temos o propósito de ajudar, se beneficiarão disso para cumprir sua missão bíblica e produzir muito fruto para a glória de Deus.

Faça contato conosco se a sua igreja deseja esta ajuda ou se você deseja nos ajudar como mantenedor, voluntário ou se deseja integrar nossa missão como missionário: pelo website <www.missaoamme.org>, pelo Facebook <[@AMMEevangelizar](https://www.facebook.com/AMMEevangelizar)>, ou pelo Instagram <[@missaoamme](https://www.instagram.com/missaoamme)>. Ficaremos alegres em ajudar vocês a cumprir sua missão bíblica.

